

A CONSTRUÇÃO E A DESCONSTRUÇÃO DA CRÍTICA SOCIAL NAS OBRAS DO ESCRITOR HÉLIO SEREJO

Augusto César de Almeida Barbosa¹

Dolores Puga²

Daniel Abrão³

RESUMO: Este artigo analisa como a crítica social se constrói e, simultaneamente, se desestabiliza na escrita de Hélio Serejo, com atenção especial às representações do trabalho ervateiro, às relações de poder, às formas de classificação dos sujeitos e às tensões entre discurso oficial e experiência vivida na fronteira Brasil-Paraguai. Parte-se da hipótese de que a crítica social serejiana não se reduz à denúncia explícita: ela emerge da organização narrativa de situações cotidianas, da exposição das assimetrias que estruturam o trabalho e da incorporação de vozes e experiências que tensionam discursos legitimadores. Ao mesmo tempo, a narrativa produz movimentos de desconstrução ao deslocar categorias aparentemente estáveis, sobretudo quando uma personagem inicialmente definida por atributos negativos passa a ser reinscrita por meio de características positivas e quando o discurso político sobre a fronteira é confrontado pela memória concreta do trabalhador. O corpus analítico concentra-se em passagens de Vida de erval, do volume IV, e de Pelas oxilhas da fronteira, do volume V, integrantes da coleção Obras completas de Hélio Serejo. O diálogo com Antonio Candido, Alfredo Bosi, Georg Lukács, Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Pierre Bourdieu, Stuart Hall e Jacques Derrida sustenta uma leitura que privilegia a articulação entre forma literária, experiência social, linguagem e memória. Defende-se que a originalidade crítica de Serejo reside menos em uma posição unívoca diante do mundo social do que na tensão entre denúncia, valorização da experiência fronteiriça, humanização e permanência de discursos ambivalentes.

Palavras-chave: Hélio Serejo. Crítica social. Desconstrução. Literatura regional. Trabalho ervateiro. Fronteira Brasil-Paraguai.

¹Doutorando em Literatura e Invenção: do local ao universal na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, desenvolvendo pesquisas no campo da crítica literária, com especial atenção às relações entre produção estética, memória cultural e dinâmicas socioterritoriais.

²Orientadora. Professora Associada do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, lotada no Campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL), e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFMS/CPTL), na área de Estudos Literários, linha: Literatura e Invenção: do local ao universal. É Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na linha Poder e Discurso e possui como atual objeto de pesquisa o teatro grego clássico e os usos da antiguidade pela contemporaneidade na arte em geral, no teatro brasileiro e em práticas culturais.

³Professor. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. É Mestre e Doutor em Teoria da Literatura pela UNESP - IBILCE - São José do Rio Preto. Já atuou no ensino básico, no Município de Campo Grande, e desde 1999 é Professor efetivo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Tem experiência nos Estudos Literários e na dimensão administrativa, como criação e coordenação de Cursos de Graduação, Pós-Graduações Lato e Stricto Sensu na área de Letras.

ABSTRACT: This article analyzes how social criticism is constructed and, at the same time, destabilized in the writings of Hélio Serejo, focusing on representations of yerba-mate labor, power relations, forms of social classification, and tensions between official discourse and lived experience on the Brazil–Paraguay border. The study assumes that Serejo's social criticism cannot be reduced to explicit denunciation: it emerges from the narrative organization of everyday situations, from the exposure of asymmetries structuring labor, and from the incorporation of voices and experiences that challenge legitimizing discourses. At the same time, the narrative produces deconstructive movements by shifting apparently stable categories, especially when a character initially defined through negative attributes is reinscribed through positive characteristics and when political discourse about the border is confronted by the worker's concrete memory. The corpus focuses on passages from *Vida de erval* (volume IV) and *Pelas oxilhas da fronteira* (volume V), both part of *Obras completas de Hélio Serejo*. The dialogue with Antonio Candido, Alfredo Bosi, Georg Lukács, Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Pierre Bourdieu, Stuart Hall and Jacques Derrida supports a reading that articulates literary form, social experience, language and memory. The article argues that Serejo's critical originality lies less in a univocal position toward the social world than in the tension among denunciation, the valorization of border experience, humanization and persistent ambivalent discourses.

Keywords: Hélio Serejo. social criticismo. Deconstruction. Regional literature. Yerba-mate labor. Brazil–Paraguay border.

I INTRODUÇÃO

A literatura constitui uma forma de conhecimento que não se limita à reprodução imediata da realidade. Ao organizar experiências, conflitos, memórias e vozes sociais em uma forma estética, a narrativa literária pode tornar visíveis relações de poder que, no cotidiano, tendem a ser naturalizadas. No caso da literatura regional, essa dimensão adquire particular relevância porque o espaço local não precisa funcionar como limite da experiência representada: ele pode operar como lugar de condensação de conflitos históricos mais amplos.

Antonio Candido (1995) compreende a literatura como um direito humano, o que desloca a obra literária de uma posição meramente ornamental para uma dimensão constitutiva da experiência social. Em perspectiva próxima, Alfredo Bosi (2006) demonstra que o regionalismo pode ultrapassar a descrição pitoresca quando a particularidade local se articula a conflitos humanos e históricos de maior alcance. Essa premissa é especialmente produtiva para a leitura de Hélio Serejo, cuja escrita transforma o universo ervateiro, a vida fronteiriça, o trabalho rural e a memória de grupos interioranos em matéria literária.

O problema que orienta este estudo pode ser formulado nos seguintes termos: de que maneira Hélio Serejo constrói a crítica social em suas narrativas e como, no interior dessas mesmas narrativas, determinadas categorias, posições e discursos são deslocados ou

tensionados? A hipótese defendida é que a crítica social serejiana se realiza em dois movimentos articulados. No primeiro, a narrativa constrói a crítica ao expor situações concretas de desigualdade, exploração, disciplina e dependência. No segundo, ela desestabiliza representações aparentemente fixas ao colocar em confronto diferentes modos de nomear e interpretar os mesmos sujeitos e acontecimentos. A desconstrução, portanto, não será tomada aqui como simples inversão entre dominante e dominado, mas como procedimento de leitura das tensões internas do texto e das instabilidades que ele produz.

O objetivo geral é analisar a construção e a desconstrução da crítica social em Hélio Serejo a partir de um conjunto delimitado de passagens das Obras completas. Especificamente, pretende-se: a) identificar como as relações de trabalho e poder são formalizadas narrativamente; b) examinar a relação entre classificação moral, disciplina e violência; c) investigar a instabilidade das representações de personagens; e d) compreender como a memória e a voz da experiência fronteiriça tensionam discursos mais abrangentes sobre a história e o território.

2 CORPUS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico-interpretativo, centrada no texto literário. O corpus não pretende esgotar a produção de Hélio Serejo, mas recorta passagens em que a dimensão social aparece de modo particularmente concentrado. Foram priorizados dois livros da coleção Obras completas: Vida de erval, identificado no volume IV, e Pelas oxilhas da fronteira, integrante do volume V. O recorte permite aproximar dois eixos recorrentes na produção do autor: a organização do trabalho ervateiro e a produção de representações sobre sujeitos e experiências da fronteira.

A análise foi organizada em quatro procedimentos complementares. Primeiro, realiza-se a leitura imanente dos excertos, observando vocabulário, construção das personagens, relações entre narrador e personagens e organização das situações narradas. Segundo, identificam-se as relações de poder inscritas nas cenas. Terceiro, investigam-se as contradições e deslocamentos produzidos pelo texto, especialmente quando uma classificação é seguida por outra que a enfraquece ou quando uma narrativa oficial é confrontada pela experiência particular. Quarto, os achados são postos em diálogo com categorias teóricas pertinentes, sem substituir a análise do corpus pela teoria.

Esse procedimento é importante porque evita tratar a obra como ilustração automática de conceitos previamente definidos. A crítica social será considerada um efeito produzido pela articulação entre tema e forma, enquanto a desconstrução será observada nos pontos em que o texto revela a insuficiência, a instabilidade ou a contradição das próprias categorias utilizadas para organizar a experiência.

3 LITERATURA REGIONAL, EXPERIÊNCIA E ESCRITA DO TERRITÓRIO

A classificação de uma obra como regional não deve implicar sua redução ao pitoresco. O regional pode constituir um modo de acessar conflitos que possuem alcance social mais amplo. Em Bosi (2006), o valor do regionalismo depende justamente da capacidade de fazer do espaço particular uma forma de apreensão de problemas humanos e históricos. Candido (2006), por sua vez, destaca a possibilidade de o particular alcançar dimensão universal quando a literatura formaliza experiências humanas fundamentais.

A escrita de Serejo pode ser lida a partir dessa tensão entre particularidade e alcance histórico. A ranchada ervateira, o mineiro, o patrão, o peão, o caminho do erval e a fronteira não aparecem somente como elementos de uma paisagem regional. São espaços e figuras por meio dos quais o texto organiza relações de trabalho, hierarquias, pertencimentos, conflitos e memórias. Nesse sentido, a fronteira funciona simultaneamente como território geográfico e como espaço discursivo: nela se confrontam versões sobre a guerra, a empresa, o trabalhador, a nacionalidade e a própria experiência de deslocamento.

A perspectiva de Stuart Hall (2003) também contribui para compreender que identidades não são entidades naturais, mas produções vinculadas à representação. Na obra de Serejo, nomear um sujeito como peão, patrão, fugitivo, trabalhador diligente, criminoso ou monstro significa inseri-lo em determinadas posições de sentido. É justamente por isso que os deslocamentos de nomeação e caracterização presentes no corpus assumem importância para a análise da crítica social.

4 A CONSTRUÇÃO DA CRÍTICA SOCIAL: TRABALHO, VALOR E ASSIMETRIA

Um dos caminhos mais produtivos para compreender a crítica social de Serejo é observar como o trabalho aparece organizado por relações assimétricas. Em Vida de erval, a narrativa abandona momentaneamente a descrição ampla do universo ervateiro para registrar uma operação aparentemente objetiva: a pesagem da carga produzida pelo mineiro. Entretanto,

o procedimento técnico revela uma estrutura de poder, pois pequenas diferenças de peso produzem efeitos econômicos concretos sobre o trabalhador.

Como houve prejuízo para o mineiro, como compensação humana o patrão fornecer-lhe-á a erva para o tereré e, se o trabalhador for decente, de conduta exemplar, procedendo, em todos os atos ervateiros, como amigo do patrão, este lhe dará o fumo para o naco e uma garrafa de pinga no dia de sábado. Esta é arroba-carém. Quando o trabalho explorativo da erva é de pequena monta, acontece seguidamente que a comissaria não possui balança para pesar mais de quinze arrobas. (SEREJO, 2008, v. IV, p. 87.)

O trecho é relevante porque a crítica não depende de uma intervenção externa do narrador para afirmar que existe exploração. Ela emerge da própria descrição do mecanismo de pesagem e da forma como a compensação é construída. A expressão “compensação humana” merece atenção: um prejuízo econômico do mineiro é respondido por benefícios materiais mínimos e condicionados a uma avaliação moral do trabalhador, que deve ser “decente”, ter “conduta exemplar” e agir “como amigo do patrão”. O vocabulário aproxima trabalho, obediência, amizade e recompensa, revelando que a relação laboral não é organizada apenas por critérios econômicos, mas também por mecanismos de reconhecimento e submissão.

A passagem permite aproximar a leitura de Georg Lukács (2011), para quem a dimensão socialmente significativa da literatura não reside apenas na declaração de uma tese política, mas na capacidade de a forma literária tornar perceptíveis as contradições da realidade. Em Serejo, a desigualdade aparece incorporada ao funcionamento cotidiano do erval. A balança, o peso, o crédito e a compensação são elementos prosaicos; justamente por isso, a crítica se torna mais incisiva, pois a assimetria está inscrita na rotina e não apenas em uma declaração abstrata.

A expressão “trabalho explorativo da erva” intensifica esse efeito. O narrador dispõe, no interior da própria descrição, de uma palavra que explicita a dimensão de exploração. A crítica social, portanto, constrói-se pela combinação de três níveis: a materialidade do trabalho, a desigualdade econômica e a linguagem que nomeia essa relação. Não se trata somente de afirmar que o trabalhador sofre; trata-se de mostrar o mecanismo pelo qual o sofrimento é produzido e normalizado.

5 DISCIPLINA, MORALIZAÇÃO E PODER SOBRE O TRABALHADOR

A crítica social torna-se ainda mais complexa quando Serejo associa o trabalho a códigos morais e a mecanismos de disciplina. No universo ervateiro, o trabalhador não é avaliado apenas pela quantidade de produção. Seu comportamento é continuamente classificado. A

relação de poder opera, portanto, por meio de uma linguagem que distribui reputações, confiança e desconfiança.

Essa dimensão pode ser relacionada ao conceito de poder simbólico desenvolvido por Bourdieu (1998). O poder não atua somente por coerção física ou pela posse dos meios materiais; ele também se exerce quando determinadas classificações são reconhecidas como legítimas. Ao chamar alguém de trabalhador “decente”, por exemplo, o discurso estabelece um padrão de conduta e, simultaneamente, produz a figura daquele que pode ser considerado inadequado. A narrativa de Serejo permite perceber que as relações de trabalho são também relações de nomeação.

A mesma dinâmica é perceptível na caracterização de personagens e na descrição dos conflitos da fronteira. O trabalhador pode ser simultaneamente sujeito produtivo, dependente, obediente, rebelde ou suspeito. A crítica social ganha força quando o texto mostra que essas identidades não são naturais: elas são produzidas por situações concretas e por discursos que atribuem valor aos indivíduos.

Nesse ponto, a contribuição de Mikhail Bakhtin (2011) torna-se pertinente. A linguagem literária não é homogênea; ela carrega diferentes vozes e posições sociais. A escrita de Serejo, ao incorporar vocabulários, expressões e formas de fala vinculadas ao universo fronteiro, não apenas registra uma variedade linguística, mas constrói uma cena em que diferentes posições sociais podem aparecer e entrar em tensão.

6 DA CONSTRUÇÃO À DESCONSTRUÇÃO: A INSTABILIDADE DA REPRESENTAÇÃO

A noção de desconstrução é particularmente produtiva quando não é utilizada como sinônimo de oposição ou de inversão. Em Derrida, a leitura desconstrutiva interroga as oposições hierárquicas e procura demonstrar como uma estrutura de sentido depende de aquilo que aparentemente exclui. Aplicada ao corpus de Serejo, essa perspectiva permite perguntar não apenas quem é representado como superior ou inferior, mas como a narrativa produz, desloca e reconfigura essas posições.

Um exemplo decisivo aparece em *Pelas oxilhas da fronteira*, na caracterização de Poincaré. Antes de apresentar o personagem diretamente, o narrador reúne informações que o definem por meio de uma cadeia de atributos negativos. A personagem é associada à

monstruosidade, à violência e à ausência de piedade. A representação parece, nesse primeiro momento, estabilizada.

El viejito Poincaré [...] fora um demônio, um verdadeiro monstro, investido no posto de teniente-secundo. [...] Era um alucinado, um revoltoso sem entranhas, calculista, de sangue frio, ignóbil. [...] Nunca teve piedade. Nunca perdoou. (SEREJO, 2008, v. V, p. 113.)

A sequência estabelece uma posição discursiva muito clara: Poincaré é o outro perigoso, aquele cuja identidade parece coincidir com o mal que lhe é atribuído. Entretanto, a narrativa imediatamente interrompe essa estabilidade por meio de uma formulação decisiva: “Esse era, em verdade, el viejito Poincaré”. O sintagma “em verdade” produz uma reabertura da personagem, como se a caracterização anterior não fosse suficiente para encerrá-la.

Esse era, em verdade, el viejito Poincaré, o contador de anedotas, o bem-humorado, o trabalhador diligente, incansável, de muita responsabilidade, da ranchada de Mbaracáí. (SEREJO, 2008, v. V, p. 113.)

O efeito produzido não deve ser entendido como simples substituição de uma representação falsa por outra verdadeira. O aspecto mais significativo é a coexistência de representações incompatíveis. Isso é nomeado como “monstro” e, pouco depois, como trabalhador diligente, bem-humorado e responsável. A narrativa não apaga completamente o primeiro retrato; ela o reinscreve em uma estrutura de tensão. A personagem passa a existir justamente no intervalo entre essas duas séries de significação.

É nesse ponto que a desconstrução se torna analiticamente mais precisa. Não se trata de afirmar que Serejo simplesmente “dá voz ao marginalizado”, pois essa formulação ainda conservaria uma oposição rígida entre centro e margem. O que o texto faz é perturbar a estabilidade da classificação. A palavra “monstro” deixa de funcionar como definição totalizante porque a própria narrativa a confronta com uma memória social diferente. A identidade da personagem torna-se dependente da relação entre versões, vozes e experiências.

7 “HOMENAGEM A UM MONSTRO?”: A CRÍTICA SOCIAL E A AMBIVALENCIA

A continuação do episódio torna o movimento de desconstrução ainda mais evidente. Após a morte de Poincaré, a memória preservada pela comunidade ervateira não corresponde à imagem inicial do assassino e da besta-fera. A narrativa desloca novamente a personagem, agora por meio da memória coletiva.

Homenagem a um monstro? Não. Preito de gratidão a um cristão que, procurando esquecer o passado tenebroso, mantinha, no hirsuto dos ervais, vivência de amizade, respeito, camaradagem, cavalheirismo e lealdade. (SEREJO, 2008, v. V, p. 114.)

A pergunta “Homenagem a um monstro?” explicita a contradição que a narrativa vinha construindo. O texto retoma a representação anterior apenas para negá-la, mas a negação não

elimina a memória da violência. O passado “tenebroso” continua presente na frase. A homenagem, portanto, não significa apagamento; ela se constitui como resultado de uma relação conflituosa entre passado e presente.

Essa passagem permite identificar uma característica central da crítica social serejiana: sua ambivalência. O texto não precisa escolher entre a condenação do passado e a valorização da pessoa lembrada. Ele mantém as duas dimensões em tensão. A personagem é marcada por uma história de violência e, ao mesmo tempo, integrada à memória afetiva da ranchada. O resultado é uma representação mais complexa do que uma simples oposição entre herói e vilão.

Essa ambivalência é importante porque impede que a crítica social seja convertida em uma moralização simplista. A literatura não apenas acusa uma estrutura; ela também registra os vínculos humanos, as lealdades, as memórias e as formas de pertencimento que se constituem dentro dela. O trabalhador, o patrão, o fugitivo ou o homem de fronteira não aparecem como figuras inteiramente determinadas por uma única posição social.

8 FRONTEIRA, MEMÓRIA E CONFRONTO ENTRE DISCURSOS

A fronteira constitui outro espaço decisivo para a construção e a desconstrução da crítica social. Em Serejo, ela não é apenas uma linha geográfica entre países. É um espaço de circulação de pessoas, mercadorias, trabalhadores, fugitivos, memórias e discursos. Por isso, diferentes versões sobre a fronteira podem coexistir e entrar em conflito.

A perspectiva de Walter Benjamin (1994) sobre experiência e narrativa contribui para compreender esse aspecto. A narrativa transmite experiências que não se esgotam na informação factual; ela conserva marcas de memória, afetos, sofrimentos e interpretações. Em Serejo, a memória dos sujeitos da fronteira funciona como contraponto às formulações mais gerais sobre território e integração. O acontecimento histórico deixa de ser apenas uma abstração quando é narrado a partir de quem o viveu.

Esse mecanismo é especialmente importante para a leitura da crítica social porque desloca o centro da interpretação. Em vez de tomar o discurso institucional como ponto de chegada, a narrativa faz aparecer a experiência particular como lugar de produção de conhecimento. A fronteira passa, assim, de cenário a instância crítica: aquilo que é dito sobre ela é confrontado pelo que os personagens lembram, sofreram ou testemunharam.

A memória, nesse contexto, não deve ser tratada como reprodução neutra do passado. Como observa Halbwachs (2006), a memória é construída socialmente. Em Serejo, recordar é

também disputar o sentido dos acontecimentos. A permanência de uma personagem na memória da ranchada, por exemplo, não coincide com a primeira representação que dela foi produzida. A memória coletiva reorganiza o passado e, ao fazê-lo, modifica a posição da personagem no presente.

9 LINGUAGEM, ORALIDADE E DISPUTA DE LEGITIMIDADE

A dimensão social da escrita de Serejo também se manifesta no uso da linguagem. A presença de marcas de oralidade, regionalismos, expressões fronteiriças e termos vinculados ao universo ervaiteiro não deve ser reduzida a uma função decorativa. Essas escolhas contribuem para constituir o mundo narrado e para conferir legibilidade literária a experiências que poderiam permanecer fora dos registros considerados legítimos.

Bakhtin (2011) permite compreender essa heterogeneidade como presença de vozes sociais distintas no interior da linguagem. Bourdieu (1998), por sua vez, chama atenção para o fato de que as formas linguísticas são atravessadas por relações de legitimidade e poder. A escrita de Serejo pode ser lida, nesse sentido, como uma disputa pelo direito de inscrição literária de determinados modos de falar e de determinadas experiências.

Entretanto, é preciso evitar uma conclusão automática segundo a qual toda presença de oralidade seria necessariamente contestadora. O valor crítico dessa linguagem depende da função que ela desempenha em cada passagem. No corpus analisado, ela participa da construção de uma comunidade discursiva específica e ajuda a conservar termos, práticas e relações sociais que constituem a memória do erval. A crítica social, portanto, não se encontra somente no conteúdo das denúncias; ela também se produz pela escolha de quem fala, como fala e quais palavras permanecem na narrativa.

10 HUMANIZAÇÃO E EXPERIÊNCIA SOCIAL

A análise dos excertos permite ainda compreender a humanização como resultado de uma operação narrativa e não como simples declaração ética. Quando Serejo apresenta trabalhadores, personagens fronteiriças e figuras historicamente associadas a posições negativas por meio de afetos, hábitos, vínculos e memórias, ele amplia a espessura dessas figuras. Elas deixam de funcionar como tipos sociais abstratos e passam a ocupar uma dimensão individual e relacional.

Essa perspectiva dialoga com Antonio Candido (1995), para quem a literatura participa da formação da sensibilidade e da experiência humana. Também se aproxima da reflexão de Paulo Freire (1979) sobre desumanização, na medida em que permite compreender a redução de sujeitos a categorias inferiores como parte de estruturas sociais injustas. Contudo, o corpus sugere que a humanização não elimina a contradição: ela convive com relações de exploração, dependência, disciplina e violência.

Essa convivência é decisiva para a leitura proposta neste artigo. A crítica social não é forte porque Serejo constrói personagens completamente virtuosas ou estruturas inteiramente demonizadas. Ela se torna mais produtiva quando o texto mostra que pessoas concretas vivem dentro de relações contraditórias e que as mesmas instituições ou relações podem produzir acolhimento, dependência, proteção, exploração ou conflito em diferentes circunstâncias.

II RESULTADOS DA LEITURA: A CRÍTICA SOCIAL COMO MOVIMENTO

A leitura do corpus permite sistematizar a crítica social serejiana em quatro movimentos articulados. O primeiro é a visibilização da assimetria: situações aparentemente rotineiras, como a paisagem da produção, revelam relações desiguais de valor e poder. O segundo é a moralização da força de trabalho: categorias como decência, confiança, amizade e responsabilidade mostram que a exploração não se sustenta somente pela coerção material, mas também pela produção de expectativas sobre o comportamento do trabalhador.

O terceiro movimento é a instabilidade da representação. A personagem Poincaré evidencia que uma identidade não permanece encerrada na primeira classificação que recebe. O texto coloca em conflito a figura do “monstro” e a do trabalhador bem-humorado e responsável, fazendo com que nenhuma delas consiga absorver completamente a personagem. O quarto movimento é a disputa pela memória: a comunidade reelabora a figura de Poincaré e transforma a lembrança de um passado violento em memória de amizade, lealdade e pertencimento.

Esses movimentos demonstram que construção e desconstrução não são etapas separadas. A desconstrução nasce da própria construção. É porque o texto constrói uma classificação, uma hierarquia ou uma representação que ele pode posteriormente revelar seus limites. Nesse sentido, a crítica social de Serejo possui uma dimensão autorreflexiva: ao narrar uma sociedade e suas categorias, a própria narrativa também expõe a instabilidade dessas categorias.

A contribuição desse resultado para os estudos sobre Serejo está em deslocar a leitura de uma concepção exclusivamente documental ou memorialística. O universo ervateiro não é somente recuperado como passado; ele é organizado literariamente de modo a produzir tensões entre trabalho e recompensa, disciplina e violência, condenação e memória, representação e experiência. O regional, desse modo, não funciona como restrição temática, mas como forma de acesso a conflitos sociais.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou demonstrar que a crítica social em Hélio Serejo não se manifesta por um único procedimento discursivo. Ela se constrói no interior de situações concretas, especialmente nas relações de trabalho, nas formas de classificação dos sujeitos e na memória da experiência fronteiriça. Em *Vida de erval*, a descrição da paisagem e da chamada “compensação humana” revela uma relação assimétrica na qual o trabalho do mineiro é regulado por critérios econômicos e morais. A expressão “trabalho explorativo da erva” explicita, no próprio discurso narrativo, essa dimensão crítica.

Em *Pelas oxilhas da fronteira*, por outro lado, o movimento de desconstrução torna-se particularmente evidente. Poincaré é inicialmente construído por uma cadeia de atributos negativos, mas a narrativa desloca essa imagem ao apresentá-lo também como contador de anedotas, bem-humorado, trabalhador diligente e responsável. O deslocamento culmina na negação da homenagem ao “monstro” e na reinscrição da personagem na memória da comunidade ervateira, associada a amizade, respeito, camaradagem, cavalheirismo e lealdade.

Em *Pelas oxilhas da fronteira*, por outro lado, o movimento de desconstrução torna-se particularmente evidente. Poincaré é inicialmente construído como “demônio”, “monstro” e “besta-fera”, mas a narrativa desloca essa imagem ao apresentá-lo como “contador de anedotas”, “bem-humorado” e “trabalhador diligente” (SEREJO, 2008, v. V, p. 113). O deslocamento culmina na pergunta “Homenagem a um monstro? Não”, seguida pela caracterização do personagem como figura lembrada por amizade, respeito e lealdade (SEREJO, 2008, v. V, p. 114).

A partir desses resultados, sustenta-se que a desconstrução, no corpus analisado, não corresponde à simples inversão das posições hierárquicas. Ela ocorre quando o texto revela que uma representação depende de outras representações que a contradizem; quando uma categoria aparentemente estável perde sua capacidade de definir integralmente um sujeito; e quando a

memória coletiva desloca o sentido de um passado sem apagá-lo. A crítica social, portanto, permanece aberta e contraditória.

Essa conclusão permite compreender a obra de Serejo como um espaço de tensão entre denúncia e memória, entre a experiência do trabalho e sua valorização cultural, entre classificação e humanização. Seu regionalismo não se limita ao registro de costumes: a forma literária transforma o território fronteiriço em lugar de disputa de sentidos. É nesse movimento que a literatura regional alcança dimensão mais ampla, pois os conflitos do erval e da fronteira passam a interrogar problemas de trabalho, poder, identidade, memória e representação.

Como limite, este estudo reconhece que o recorte utilizado não permite generalizar automaticamente as conclusões para toda a obra de Serejo. A contribuição pretendida é mais específica: oferecer uma leitura demonstrativa, fundada em passagens textualmente verificáveis, capaz de sustentar a hipótese de que construção e desconstrução constituem movimentos interdependentes de sua crítica social. A ampliação do corpus para outros volumes e livros da coleção poderá testar, confirmar ou tensionar os resultados aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- SEREJO, Hélio. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. IV: Vida de erval.

SEREJO, Hélio. *Obras completas de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v. V: Pelas oxilhas da fronteira.